

# LITERATURA E PSICANÁLISE: UMA ANÁLISE DO CONTO “A CARTA ROUBADA”

Ina Mirely Oliveira da Rocha (UFPB)  
inamirely@hotmail.com  
Rosilene Félix Mamedes (UFPB)  
dilenefelix@gmail.com

## Introdução

O tema deste trabalho tenta contribuir com a tentativa de aproximação entre a lingüística saussuriana e a psicanálise lacaniana. Nosso objeto foi escolhido a partir da proposta de pesquisar os movimentos do signo lingüístico saussuriano e do significante lacaniano, observando o sujeito como resultado do movimento de significantes.

Porém, gostaríamos de enfatizar que não se trata de uma análise do sujeito do inconsciente, mas de uma exemplificação, ou melhor, uma ilustração desse sujeito como resultado do movimento de significantes.

As relações entre a lingüística e a psicanálise não se dão sem riscos e tentar falar sobre estas é um feito desafiador, principalmente no início dessa viagem a um desconhecido mundo, repleto de novos conceitos e interpretações, a viagem mostra-se fascinante a cada passo. Estas relações que já se anunciam desde Freud e Saussure não nos deveriam surpreender, pois, segundo Arrivé (1999, p.22), “elas são programadas pela própria natureza da psicanálise que (...) tem as suas origens na linguagem. E ainda nos diz que A psicanálise não é nada mais do que um exercício de linguagem.” (idem, p.23)

Sendo a psicanálise um exercício de linguagem, torna-se praticamente impossível evitar a conexão entre linguagem e inconsciente, lingüística e psicanálise. Para isso, seria necessário dizer que a linguagem na sessão analítica não teria nada a ver com a linguagem da lingüística (o que não é verdade).

Pensar o inconsciente estruturado como uma linguagem (que linguagem?) abordado na interface lingüística de Saussure e psicanálise de Lacan requer do estudioso a apreciação dos elementos formadores do sistema lingüístico saussuriano e de elementos responsáveis pelos movimentos de produção de sentido do inconsciente, a saber: signo, significante, metáfora, metonímia dentre outros que serão citados no decorrer do trabalho.

Partindo da lingüística, analisamos o deslocamento relacionado aos movimentos do signo lingüístico, trabalhando no sentido de mostrar o signo como elemento de um sistema que produz sentidos. O que deve contribuir, na releitura dos conceitos saussurianos, para mostrar que não há exclusão do trabalho com os sentidos nas reflexões de Saussure sobre a língua.

No campo da psicanálise lacaniana, trabalhamos o movimento de deslocamento do significante tentando mostrar tanto o movimento em si, - que deve cooperar para uma compreensão de um jogo de produção de sentidos que foge ao lugar comum dos sentidos esperados, lineares, próprios da concepção linguagem como elemento pleno, sem furos, faltas ou falhas.

Neste trabalho, tomamos por base a abordagem dos movimentos do significante que circula no conto “A carta roubada”, de Edgar Allan Poe, através do deslocamento tanto dos personagens quanto da própria carta.

## 1.Os mecanismos do sistema lingüístico

De acordo com os estudos de Jakobson, a fala requer a seleção e a combinação de elementos lingüísticos. Quando falamos selecionamos palavras e as combinamos em frases aceitáveis pelo sistema da língua. Porém, a escolha dessas palavras não é feita livremente, ela é operada dentro de um campo lexical que deve ser conhecido pelo locutor e por seu interlocutor. Pode-se dizer que a concorrência das entidades simultâneas e a concatenação de entidades sucessivas são os dois modos segundo os quais nós, que falamos, combinamos os constituintes lingüísticos. (Jakobson, 1995, p.38).

Isto quer dizer: a seleção (e correlativamente, a substituição) concerne às entidades associadas no código, mas não na mensagem dada, ao passo que, no caso de combinação, as entidades estão associadas em ambos ou somente na mensagem efetiva. O destinatário percebe que o enunciado dado (mensagem) é uma combinação de partes constituintes (frases, palavras, fonemas etc) selecionadas do repertório de todas as partes constituintes possíveis (código). (Jakobson, 1995, p.40)

Portanto, todo signo lingüístico implica dois modos de arranjo: a combinação e a seleção. Saussure estabelece que a combinação aparece “in praesentia”, os termos aparecem em um série linear concreta e na seleção os termos aparecem “in absentia” formando séries mnemônicas. São respectivamente as relações sintagmáticas e associativas que constituem o funcionamento do sistema e são necessárias para a idéia de produção de sentido.

As relações sintagmáticas ocorrem em presença, de maneira linear e um termo se opõe a outro. Nessas relações há um número limitado de elementos que se organizam de maneira “solidária” na cadeia sintagmática, onde a relação de interdependência entre os termos é tão importante quanto à relação do termo com o conjunto deles. Na cadeia sintagmática uma palavra só tem valor em oposição às outras. São as coordenações dos elementos no sintagma que contribuem para as organizações mnemônicas das relações associativas.

As relações associativas (posteriormente chamadas paradigmáticas) ocorrem na memória a partir do agrupamento de palavras que possuem algo em comum. Essas associações não são lineares, ou seja, não possuem uma ordem, ocorrem em ausência, mas fazem parte da constituição do tesouro lingüístico de cada indivíduo.

As cadeias associativas podem agrupar um número ilimitado de elementos e essas aproximações de termos não se limitam apenas a fatores do campo morfológico, mas também se dão por aproximação semântica, cabendo ao indivíduo captar a natureza dessas relações em cada caso. Vale ressaltar que, embora digamos que as relações associativas são ilimitadas, esta falta de limite só é possível se a relação for pensada isoladamente, pois, se considerarmos o sistema lingüístico, haverá sempre um limite imposto pelas relações sintagmáticas.

Ainda sobre as relações associativas, é importante salientar que elas se dão “fora da língua” se levarmos em consideração apenas a cadeia sintagmática, pois um elemento, mesmo fora dela (cadeia sintagmática), está marcado na memória de outro elemento presente nela.

Portanto, as relações associativas são elementos armazenados na memória, no eixo paradigmático, que permitem a constituição do sintagma: as palavras que formam a cadeia sintagmática foram escolhidas a partir das associações latentes do eixo do paradigma. Podemos dizer então que os elementos lingüísticos são selecionados por operação mental dupla: uma de oposição sintagmática e outra de substituição paradigmática.

Para Saussure, cada relação gera um tipo diferente de valor e somente as duas, funcionando simultaneamente, são responsáveis pelo completo mecanismo da língua. Sendo assim, podemos dizer que o encontro das duas, ou seja, da cadeia sintagmática e da cadeia associativa, gera também um valor. Vejamos o que Saussure (1996, p.149) diz no CLG sobre a simultaneidade das relações:

entre os agrupamentos sintáticos assim constituídos, existe um vínculo de interdependência; eles se condicionam reciprocamente. Com efeito, a coordenação no espaço contribui para criar coordenações associativas, e estas, por sua vez, são necessárias para a análise das partes do sintagma.

Considerando o funcionamento do sistema lingüístico exposto acima, podemos dizer que a produção de sentido se dá nas relações responsáveis pelo mecanismo da língua que aparecem em dois eixos diferentes, a saber: o eixo associativo (das relações paradigmáticas) e o eixo das combinações (das relações sintagmáticas). Obviamente, percebem-se de maneira mais evidente as combinações, todavia, não podemos esquecer que tais combinações subentendem associações em ausência, ou *in absentia*, conforme Saussure.

É importante, então, compreender que o mecanismo da língua requer que se trabalhe não apenas com as seqüências lineares que formam os sintagmas, com as entidades concretas, mas, também, com os termos que flutuam em torno dos elementos da cadeia sintagmática.

Além disso, a existência do paradigma é o que garante que o sistema lingüístico não seja fechado, homogêneo, porque contém sempre algo que escapa à linearidade e que está presente, de forma virtual, na produção da língua.

O discurso então, desenvolve-se por duas vertentes: por similaridade ou por contigüidade, ou ainda, por metáfora ou metonímia respectivamente. É o que observaremos nos movimentos de produção de sentido do significantes lacanianos.

## **2. O significantes lacanianos em movimento**

Baseado em Jakobson (1995) podemos dizer que a existência das cadeias de significantes compreende dois modos de articulação da metáfora e da metonímia, ou seja, duas dimensões: uma chamada de combinação, continuidade ou concatenação e a outra de substituição ou, também, conforme Lacan (2002, p.34) “em todo ato de linguagem, embora a dimensão diacrônica seja essencial, há também uma sincronia implicada, evocada pela possibilidade permanente de substituição que é inerente a cada um dos termos”.

A metáfora é uma relação fundamentada na similaridade semântica ou homofônica, relação de substituição de sentido conotativo que é permitida pelo léxico da língua. Esta similaridade será evidenciada nas cadeias associativas.

No ponto de vista de Lacan, a metáfora consiste em substituição de significantes, ou seja, designar uma coisa por meio do nome de outra, segundo ele (2002, p.249): “A metáfora supõe que uma significação seja o dado que domina, e que ela inflete, comanda o uso do significante, tão bem que toda espécie de conexão preestabelecida, diria lexical, se acha desatada.”

A substituição de significantes só é possível a partir de uma coerência existente na cadeia de significantes, dando ao significante autonomia em relação ao significado, demonstrando assim a supremacia daquele sobre este. A metáfora é, portanto, produtora de sentido. Segundo Joel Dor(1992, p.44): “... os significados extraem toda a sua coerência da rede dos significantes . Nessas condições, a “língua” governa a fala, o que constitui uma prova manifesta em favor da supremacia do significante.”

Já o processo metonímico consiste na denominação de algo por um termo que não lhe é habitual, isto é, há uma transferência de denominação permitida por ligações entre os termos substituídos. Por exemplo, temos a seguinte frase: “As velas se aproximam”, na verdade “as velas” tratam-se do barco ou similar, há uma relação de troca da parte pelo todo, a partir de uma ligação de contigüidade que existe entre os termos. Assim, a metonímia implanta um novo significante. Mantém-se a presença dos dois significantes que impossibilita a criação de um novo signo e a associação aleatória de significante e significado. Lacan diz (2002, p.251):

A forma retórica que opõe à metáfora tem um nome – ela se chama metonímia. Ela concerne à substituição de alguma coisa que se trata de nomear - estamos, com efeito ao nível do nome. Nomeia-se uma coisa por uma outra que é o seu continente, ou a parte, ou que está em conexão com.

Ainda para Lacan (1996, p.510), a metonímia é a base da metáfora:

A centelha criadora da metáfora não brota da presentificação de duas imagens, isto é, de dois significantes igualmente atualizados. Ela brota entre dois significantes dos quais um substituiu o outro, assumindo seu lugar na cadeia significante, enquanto o oculto permanece presente em sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia.

Aos processos de metáfora e metonímia, Lacan relaciona os dois processos freudianos formadores do inconsciente, ou seja, a condensação e deslocamento, respectivamente.

As leis que estruturam os processos do inconsciente (condensação e deslocamento), os fenômenos pertencentes às formações do inconsciente, equivalem ao que podemos considerar como meios fundamentais de formação de sentido, na medida em que são gerados pelas combinações do significante.

A condensação por omissão e formação compósita, explicitadas por Freud, podem ser consideradas um processo metafórico, pois as idéias latentes podem

encontrar-se representadas nas idéias manifestas após modificações de sentido, isto é, a condensação pode ser comparada a uma substituição significativa.

No deslocamento, o que era essencial no conteúdo latente passa a ser acessório no conteúdo manifesto. Trata-se de um “disfarce”, uma inversão de valores, que ocasiona um deslocamento de sentido. É de certa forma um tipo de metonímia, onde um significante pode exprimir outro, desde que estejam em relação de contigüidade, tal relação só poderá ser evidenciada por associações.

A competição entre os dois procedimentos, metonímico e metafórico, se torna manifesta em todo processo simbólico, que seja subjetivo, quer social. Eis por que numa investigação da estrutura dos sonhos, a questão decisiva é saber se os símbolos e as seqüências temporais usadas se baseiam na contigüidade (“transferência” metonímica e “condensação” sinédouca de Freud) ou na similaridade (“identificação” e “simbolismo” freudianos.) (Jakobson, 1995, p. 61).

Da mesma forma que na metáfora, a metonímia também converge para comprovar a autonomia do significante e sua supremacia sobre o significado. Porém, há uma diferença essencial entre metáfora e metonímia para a qual Lacan nos chama atenção. Consiste em linhas gerais dizer que na metonímia a barra de significação é mantida, pois há uma resistência à significação, na medida em que este processo apresenta-se sempre com um sentido aparente, ou seja, o sentido não aparece de imediato, é necessário estabelecer relações entre significantes para se conceber o sentido da expressão metonímica. Já na metáfora, o sentido aparece de imediato porque há uma transposição da barra de significação.

Em resumo, podemos afirmar que a metáfora está centrada na possibilidade de substituição de algo, de um significante, e que a cadeia significante é a base da metonímia. A mínima origem da cadeia significante, a origem metonímica, é fundamental para se produzir o fenômeno metafórico, ou seja, não haveria metáfora se não houvesse metonímia. A cadeia na qual se produz o fenômeno da metáfora está, quando se trata da metonímia, numa espécie de deslizamento. Portanto, metáfora e metonímia são dois movimentos de um mesmo processo.

Com isso, as leis de composição do inconsciente explicitadas por Freud nos levam a perceber que ele é constituído por leis fundamentais do discurso, porém, na articulação do inconsciente faltam os elementos inerentes ao discurso comum.

Somos, portanto, determinados pelas leis fundamentais da linguagem que são também constituintes do inconsciente. Assim, as necessidades, os desejos, nos chegam fragmentados e são estruturados pelos mecanismos de condensação e deslocamento aos quais Lacan chama de leis do significante. Tal função significante não implica apenas em designar uma coisa qualquer, mas sim ir além do “significado” aparente.

### **3. Resumindo o conto “A Carta Roubada” – Allan Poe**

O conto se passa na França e começa com a Rainha em seu quarto, recebendo uma carta. De repente, a Rainha é surpreendida pela entrada do Rei no quarto e tenta rapidamente esconder a carta. Logo em seguida, um de seus ministros, chamado Monsieur D., também entra nos aposentos reais e percebe a atitude da Rainha de tentar esconder a carta.

Depois de tentar em vão esconder o documento, a Rainha joga-o em cima de uma mesa e senta-se com o Ministro para discutir sobre assuntos públicos, tudo acontece sem que o Rei perceba. Após uma longa conversa, o Ministro tira de seu bolso uma carta semelhante e troca pela carta que pertence à Rainha. A substituição dos documentos acontece diante da Rainha, sem que ela nada possa fazer, ao contrário do Rei que não percebe nada.

Com a carta nas mãos do Ministro, a Rainha sente-se ameaçada, pois se o conteúdo da carta for revelado poderá comprometer a honra da Rainha. Sendo assim, esta aciona a polícia e exige que a carta seja encontrada a qualquer custo. O chefe de polícia e sua equipe vasculham todos os cantos do apartamento do Ministro, todas as possibilidades de esconderijo da carta foram devidamente revistadas, afinal, a equipe selecionada para o serviço era a melhor que havia no reino. Mesmo assim, O Chefe de polícia não consegue recuperar o documento real e procura Dupin, um investigador de muita competência.

O Chefe de polícia vai à casa de Dupin, relata toda a história e enfatiza a importância de encontrar a tal carta, pois o teor do documento em questão compromete a honra de uma pessoa da mais alta importância no reino. Dupin ouve, cuidadosamente, o relato do Chefe de polícia e logo percebe que daquela forma a polícia não encontraria a carta, pois não se tratava de um ladrão qualquer. Dupin já conhecia o Ministro e sua astúcia, sabia que ele não esconderia a carta onde a polícia pudesse encontrá-la. Dupin também sabia que a capacidade de raciocínio do policial não daria conta da esperteza do Ministro: a polícia não acharia a carta no lugar mais óbvio, justamente onde o Ministro a esconderia.

Depois de voltar a vasculhar o apartamento do Ministro, seguindo os conselhos de Dupin, o Chefe de polícia não encontra a carta e diz a Dupin que o Ministro, com a carta na mão, há dezoito meses está conseguindo favores políticos, pelo simples fato de a Rainha saber que ele possui a carta. Já nas raias do desespero por estar com sua posição em jogo, o Chefe de polícia diz a Dupin que seria capaz de oferecer uma recompensa em dinheiro de seu próprio bolso para quem achar a carta.

Ao ouvir tais palavras, Dupin disse que o policial poderia preencher o cheque, pois a carta estava com ele. O policial surpreso, boquiaberto, pede que Dupin explique como conseguiu recuperar a carta, o que parecia quase impossível depois de tudo que a polícia havia feito. Então, Dupin contou a história do dia em que foi ao apartamento do Ministro e recuperou a carta.

Em seu relato, Dupin diz que foi uma primeira vez ao apartamento do Ministro, visualizou bem a sala e viu um documento “jogado” em cima de uma escrivaninha, perto de um porta-cartas. Tratava-se de uma carta com a aparência amassada, algo que parecia ter sido deixado de lado, uma coisa sem valor. Justamente por isso, Dupin desconfiou, pois algo sem valor deveria ser descartado e não “guardado”. Assim, conhecendo o Ministro de outras épocas, pensou que o lugar mais seguro para guardar a carta seria o que levantasse menos suspeita, ou seja, o que estivesse mais evidente. Tratou de “esquecer” um objeto pessoal na casa do Ministro para ter motivo de uma volta. Ao voltar ao apartamento, planejou uma situação que chamasse a atenção do Ministro para forma do apartamento, com a distração do velho amigo, conseguiu ir até a escrivaninha e trocar a carta que estava largada por outra que ele levava consigo, outra de aparência semelhante a que estava roubando. Ao término da confusão na rua, o Ministro voltou a conversar com Dupin que foi embora levando a carta.

Após relatar como fez a troca das cartas, Dupin confessa que escreveu uma mensagem no interior da carta para que o Ministro soubesse quem o havia enganado,

assim como ele enganou a Rainha. Dessa forma, a carta voltou a sua dona, sem que o Rei soubesse de nada.

#### **4. A análise de Lacan sobre o conto “A carta roubada”: os movimentos dos sujeitos (personagens)**

Em outros termos, se considerarmos esta história em seu aspecto exemplar, a carta é, para cada um, seu inconsciente. É seu inconsciente com todas as conseqüências, ou seja, a cada momento do circuito simbólico, cada qual torna-se um outro homem. (Lacan, 1985 [1955], p. 248)

Retomaremos a análise do conto “A carta roubada” feita por Lacan, não de maneira total, pois nos deteremos aos movimentos do significante e, conseqüentemente, no efeito sujeito provocado por esses movimentos, como é mostrado em determinada parte da análise. Apesar de a análise lacaniana ser utilizada para apontar, ilustrar elementos diversos da psicanálise, nosso interesse é a questão do sujeito enquanto resultado do movimento de significantes, as diversas posições-sujeito ocupadas pelos personagens e como esses movimentos caracterizam esses sujeitos. Isso é o que interessa ao nosso trabalho.

Em *O Seminário. Livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, Lacan (1985) retoma o conto de Poe para mostrar, entre outras coisas, a primazia do significante sobre o significado. Devemos observar, primordialmente, no conto, a movimentação de uma carta que circula e de personagens que circulam em torno dela.

A carta também seria um personagem e aparece na perspectiva de Lacan como um sujeito inicial, um radical, no qual todos os personagens ficarão presos. Ao terem contato com a carta, os personagens são empurrados por algo que os domina e os arrasta. Sendo assim, a cada movimento da carta, independentemente de quem sejam, os personagens serão definidos tomando como referência a sua posição em relação ao personagem inicial, isto é, a carta. A carta seria o inconsciente de cada um, pois é a partir dela que os personagens se movem, de acordo com as leis estabelecidas pelo movimento próprio à carta. É na necessidade do movimento que os personagens se tornarão, no decorrer das cenas, “funcionalmente diferente em relação à realidade essencial que ela constitui.” (Lacan, 1985 [1955], p. 248)

Conforme Lacan (1985) a carta seria uma espécie de presença-ausência, pois ao mudar de lugar ela deixa de ser o que era antes. Por exemplo, nas mãos da Rainha, para quem a carta estava endereçada, seria um documento impublicável por comprometer a honra desse personagem. Ao passar para as mãos do Ministro, a carta torna-se instrumento de poder, meio de obter poder diante da ameaça de tornar público o documento secreto. Se pensarmos a carta nas mãos de Dupin, ela torna-se a forma de dar ao Ministro uma lição, vingar-se de algo ocorrido no passado entre Dupin e o Ministro. Nas palavras de Lacan (*idem* [1955] , p. 250) temos:

Ela está aí, dissimulada numa espécie de presença-ausência. Ela está aí, mas não está aí, ela só está aí em seu valor próprio, em relação a tudo que ela ameaça, a tudo o que ela viola, a tudo que

ela escarnece, a tudo o que ela põe em perigo ou em suspenso. Esta carta, que não tem o mesmo sentido em todo lugar, é uma verdade que não convém publicar. Assim que ela passa para o bolso do ministro, ela não é mais o que era antes, seja lá o que for que tenha sido.

Destacamos as duas cenas da substituição da carta, apontadas por Lacan: a 1ª cena em que aparecem a Rainha, o Ministro e o Rei, na qual a Rainha é roubada pelo Ministro e o Rei nada vê. Na 2ª cena o Ministro é roubado por Dupin e a Rainha sabe.

Na interpretação do conto feita por Lacan, consideremos a carta como o significante e seu conteúdo como significado. Atentemos para o fato de o conteúdo da carta não ter sido revelado em nenhum momento no conto, mas, mesmo assim, mobiliza todos os personagens a sua procura. Essa mobilização do sujeito provocada pelo significante nos aponta uma supremacia do significante sobre o sujeito. Os personagens são enganados pelas substituições. Podemos observar que o mesmo significante – *carta* - desliza pelos diversos *significados*, de acordo com a posição assumida pelos sujeitos, no conto.

O que nos interessa hoje é a maneira como os sujeitos se revezam em seu deslocamento no decorrer da repetição intersubjetiva. Veremos que seu deslocamento é determinado pelo lugar que vem a ocupar em seu trio esse significante puro que é a carta roubada. (Lacan, 1996 [1957], p. 18)

Nesta parte da interpretação lacaniana podemos observar que o significante carta circula tanto para aqueles que sabem de sua existência quanto para os que não a viram. Temos assim uma exemplificação metafórica do que seria o inconsciente, isto é, “algo que está sempre aí, mas também e ao mesmo tempo, sempre alhures” (Dor, 1992, p.45). As substituições da carta remetem-nos aos movimentos de linguagem, visto que estes movimentos são ancorados nas substituições de significantes e esses significantes movem os sujeitos à sua revelia, ocupando diferentes posições-sujeito. Esses movimentos são os chamados processos de metáfora e metonímia que atestam o caráter primordial do significante, ou seja, a sua primazia sobre o sujeito.

Esses movimentos, metáfora e metonímia, são responsáveis pela autonomia do significante, ou ainda de acordo com Lemaire (1989) “pela supremacia do significante na linguagem.” Lacan aproxima esses mecanismos da linguagem aos mecanismos de formação do inconsciente.

O conto se desenrola ao redor de um personagem central, um significante maior que é a carta, e, também, a partir de um jogo de substituições que propulsiona a ação e está centralizado nos diferentes lugares que esse significante vem ocupar na cadeia significante, ou seja, na relação que estabelece com os outros significantes da cadeia.

Sendo assim, a posição de cada personagem é determinada pela movimentação da carta, que é o significante maior, e ao se deslocar movimenta os sujeitos conforme a sua “vontade”, isto é, os sujeitos são arrastados pelo movimento da carta, seguindo os passos da própria carta e não os passos que eles pensam determinar. Podemos dizer que “o sujeito é movido à revelia pelos significantes da linguagem em relação com o inconsciente.” (Dor, 1992, p.45)



O significante domina o sujeito no lugar onde este pensa escapar à linguagem, já que o sujeito acredita poder controlar a linguagem. Com isso, dizemos que a metáfora é produtora de sentido, sentido produzido onde parece não haver sentido. É na metáfora que o significante predetermina o sujeito sem que o sujeito saiba. O sujeito se move a partir do significante e só existe entre significantes. Essa emergência do sujeito é confirmada nos movimentos da estrutura do inconsciente, de acordo com Lacan, a metáfora e a metonímia.

Para esse movimento significante, não importa o conteúdo da carta, mas, sim, quem a detém. A movimentação da carta possibilita ao sujeito uma referência desejável e ao mesmo tempo destruidora. Tais referências são possíveis porque mesmo não tendo o conteúdo publicado, todos os personagens presumem do que se trata a carta. Contudo, repetimos, o que importa não é saber o conteúdo do documento em questão, mas apropriar-se dele, assim temos uma metáfora da posição-sujeito, sujeito que tem o poder de distribuir sentidos, pois, é pelo referencial de quem detém a carta que podemos presumir o efeito que a carta causará nos outros personagens.

Neste momento de seu ensino, Lacan apresenta uma concepção de linguagem por meio do significante, não distinguindo significante de letra, pois o que ele quer destacar é o caráter não meramente comunicacional da linguagem, mas a dimensão do significante e sua supremacia em relação ao significado..

Sendo assim, gostaríamos de enfatizar que não trataremos de outro momento de Lacan relativo ao estudo do conto “A carta roubada”, pois, como já dissemos no decorrer do trabalho, o que interessa para nossa dissertação é somente a relação entre significante e sujeito, ou ainda, os movimentos de significante e o efeito sujeito resultante dos movimentos.

## 5. A produção de sentidos nos movimentos do conto

Podemos observar que o mesmo significante – *carta* - desliza pelos diversos *significados*, de acordo com a posição assumida pelos sujeitos, no conto. Na relação da Rainha com a carta, percebe-se que a personagem teme a descoberta do conteúdo da carta, pois corre o risco de perder seu trono e ser ridicularizada diante do reino. Teme por seu esposo, que ele veja a carta, assim provavelmente a carta é prova de uma suposta traição. Confirmamos com a fala do investigador (Poe.2003, p.11):

Sua legítima proprietária viu o que ele estava fazendo, mas, naturalmente, não ousou atrair sua atenção para o ato, na presença da terceira personagem que permanecia ao seu lado.” A carta é, então, para a rainha, sinal de traição, de perda de poder, de humilhação. “A revelação do conteúdo desse documento a uma terceira pessoa, que não identificaremos, colocaria em questão a honra de uma certa personagem, de posição extremamente elevada; este fato confere ao portador do documento uma ascendência sobre esta personagem ilustre, cuja honra e paz de espírito ficam deste modo comprometidas.

Vejamos a relação entre o Ministro e carta. O Ministro rouba a carta na presença da rainha e a mantém em seu poder, não faz ameaças, nem a devolve, o que parece demonstrar que enquanto estiver com ela, manterá a rainha refém de suas vontades. Então, para o ministro, é melhor manter a carta escondida, pressionar a rainha, e assim conseguir o que ambiciona. A carta significa, acima de tudo, poder para o ministro que a detém.

A Polícia tem a tarefa de encontrar a carta e manter seu prestígio junto à rainha, mas devido a sua pretensão por subestimar a inteligência do ministro, por achar que suas ações são previsíveis e que ele não guardaria a carta em um lugar óbvio, como realmente o fez, além de não conhecer a capacidade intelectual do ministro., não consegue encontrar a carta. Segundo Dupin (Poe. 2003. p.23):

O chefe de polícia e seus auxiliares falham com tanta frequência... por medirem mal, ou antes, por não medirem, o intelecto com o qual estão em competição.” O poder, a inteligência, a eficácia, a competência, todos estes valores da polícia são postos em xeque a partir do momento que lhe é dada uma tarefa e ela não consegue executá-la, ou seja, não encontra a carta. Neste caso, a carta significa destituição de poder. Tudo o que o ministro tem com a posse da carta a polícia perde.

Na relação entre Dupin (personagem a quem a polícia pediu auxílio para encontrar a carta) e a carta observamos que para este personagem, encontrar a carta é questão de honra, pois pretende “vingar” um episódio do passado. Dupin lembra que (idem, p.35): “Certa vez, em Viena, D\_\_\_ me fez passar um mau pedaço, e eu lhe disse, de forma bem-humorada, que não iria me esquecer.”.

Ao contrário do agente de polícia, conhece bem seu adversário e suas facetas, como confirmamos nesta passagem do texto:

As medidas adotadas por ele foram não somente as melhores de que se dispunha, mas foram executadas com absoluta perfeição. Se a carta tivesse sido depositada dentro do âmbito abrangido pela busca, esses camaradas a teriam encontrado, sem a menor dúvida... Acontece que as medidas – continuou ele- foram boas em si mesmas e perfeitamente bem executadas: seu único defeito estava em que não eram aplicáveis nem à situação, nem ao homem. (idem, p. 21)

Motivado por saber que “lutaria” contra o ministro, com quem tem contas a acertar, encontrar a carta não significa apenas ganhar uma recompensa em dinheiro oferecida pela polícia, mas uma vitória particular, uma “doce vingança.”.

A carta está bem na frente do Rei e ele não a vê, o que parece uma quebra de lógica, pois algo tão visível não poderia passar despercebido. Para a figura do rei, também é estranho que ele seja tão alheio às coisas que acontecem no reino. A rainha, ou poderíamos dizer que a própria carta, mobiliza várias pessoas como o policial, Dupin, o ministro que pega a carta, menos o rei que permanece impassível diante do significante carta.

No conto de Allan Poe, a carta é um significante que, dependendo de cada sujeito, adquire um significado diferente. Ela torna-se, como afirma Lacan (2002, p.248) “o inconsciente de cada um”, e é relacionado a esse inconsciente que podemos observar os movimentos de metáfora e metonímia, ou seja, as associações por similaridade e contigüidade respectivamente”.

A existência dessas cadeias implica que as articulações ou ligações do significante comportam duas dimensões, aquela que podemos chamar de combinação,

continuidade, concatenação da cadeia; e a da substituição, cujas possibilidades estão sempre implicadas em cada elemento da cadeia. Essa segunda dimensão é omitida na definição na definição linear que se fornece da relação entre o significante e o significado. (Lacan, 2002, p.34).

Agora analisaremos alguns trechos do conto “A carta roubada”, observando relações de metáfora e metonímia:

Trecho A: “Recebi informações pessoais, oriundas de uma pessoa altamente colocada, de que um certo documento de extrema importância foi roubado dos aposentos reais.”

Nesse trecho em estudo, os termos “certo documento de extrema importância” estão substituindo o significante “carta” por uma relação de contigüidade. Há uma troca de significante, mas não há mudança de sentido. Portanto, trata-se de uma relação metonímica. Vejamos o próximo trecho:

Trecho B: “-Bem, eu posso aventurar-me um pouco mais além e dizer que esse papel confere a seu portador certo poder em determinado círculo, no qual pode ser imensamente valioso.”

Em B destacamos o significante “poder” que está metaforicamente substituindo o significante carta, pois a posse da carta confere, de alguma forma, poder a qualquer um dos sujeitos relatados no conto. Tanto no trecho B como em alguns outros do texto em questão, o significante “poder” aparece substituindo o significante “carta”. Podemos dizer que as metáforas do conto são construídas a partir destes dois significantes (carta e poder). Vejamos mais alguns exemplos:

Trecho C: “A revelação do conteúdo desse documento a uma terceira pessoa que, não identificaremos, colocava em questão a honra de certa personagem, de posição extremamente elevada, este fato confere ao portador documento uma ascendência sobre esta personagem ilustre, cuja honra e paz de espírito ficam deste modo comprometidas.”

Aqui temos o significante “ascendência” que metaforicamente substitui o significante “carta”, pois a posse da carta confere ascendência, “status”, ao seu portador, seja para manter o cargo (caso da polícia) ou para elevá-lo (caso do ministro) e também está ligado semanticamente a “poder”. Assim como os significantes “honra” e “paz de espírito”, o significante “ascendência” está relacionado ao poder da rainha, ameaçado enquanto o ministro estava com a carta, confirmamos em Lacan (idem, p.35): “É na relação de substituição que reside o recurso criador, a força criadora, a força de engendramento, caberia dizer, da metáfora. (...) Eu diria até que pela possibilidade de substituição que se concebe o engendramento por assim dizer, do mundo do sentido”. Ainda podemos arriscar dizer, pelo contexto, que a utilização dos termos “terceira pessoa” substitui a figura do rei e “personagem ilustre” substitui “rainha”, sem implicações quanto ao sentido. Ambas são, portanto, relações metonímicas.

## **Conclusões**

Começamos dizendo que, na perspectiva trabalhada, a produção de sentidos inclui a idéia de um significado que desliza constantemente, passando abaixo da barra do significante. Para Lacan, o fluxo de significantes e de significados é responsável por estabelecer relações entre ambos, o que nos permitiu dizer que a relação entre significado e significante não é fixa, tendo sua concretude no que Lacan chama de ponto-de-estofa, lugar onde o significante detém o deslizamento do significado e se associa a ele na cadeia discursiva, produzindo assim uma significação, um sentido.

É importante salientar que nas relações entre significado e significante, este tem autonomia e supremacia sobre aquele, características comprovadas nos mecanismos

do inconsciente denominados metáfora e metonímia, processos fundamentais para a compreensão da produção de sentido, bem como os mecanismos da língua, as relações associativas e sintagmáticas. Tais mecanismos foram relacionados por suas semelhanças, a saber: a metáfora, assim como as relações associativas, ocorre no eixo paradigmático, ligando elementos similares tanto na forma quanto no sentido e a metonímia, da mesma forma que as relações sintagmáticas, se dá no eixo horizontal, entre os significantes, no qual um termo se opõe a outro.

Podemos ainda dizer que a produção de sentidos envolve a relação entre sujeito, significado e significante, pois é o sujeito que funciona como o elemento de ligação entre um e outro. Na psicanálise lacaniana, portanto, estudar a produção de sentidos é falar em um sujeito que é elo entre significado e significante. Relacionando à lingüística, podemos dizer que só é possível a união entre as cadeias sintagmáticas e paradigmáticas porque existe um sujeito que propicia esta união. Dessa forma, podemos arriscar dizer que o sujeito nesta interface pode ser considerado um lugar de produção de sentidos.

No conto de Allan Poe, observamos a fluidez dos elementos (significado, significante e sujeito) a partir da necessidade de movimento próprio à carta. Cada significado torna-se funcionalmente diferente em relação à realidade. A carta, por sua vez, torna-se, como afirma Lacan (2002, p.248) o inconsciente de cada um. Compreende-se que há supremacia do significante, pois todos os sujeitos se mobilizam para encontrar a carta que circula entre eles e que, por sua vez, são enganados por suas diversas substituições, ilustrando assim o processo metafórico no inconsciente.

## Referências Bibliográficas

ARRIVÉ, Michel. *Linguagem e psicanálise lingüística e inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

DOR, Joel, *Introdução à leitura de Lacan – o inconsciente estruturado como linguagem*. 3 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

JAKOBSON, Romam. *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1995.

LACAN, Jacques, *O Seminário. Livro 5: as formações do inconsciente..* Rio de Janeiro: Jorge Zahar , 2002.

\_\_\_\_\_. *Escritos*. 4ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

\_\_\_\_\_. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003

POE, Edgar Allan. *A carta roubada e outras histórias de crime e mistérios*. 1ed. Porto Alegre: L e PM, 2003.

SAUSSURE F. de, *Curso de lingüística geral*. 19ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

SCHÄFFER, Margareth org. *Aventuras do Sentido – Psicanálise e Lingüística*. Edipucks, Porto Alegre, 2002.